

# Um Navio Britânico na Guerra do Paraguai

Jean Michel Agnauer\*

*Matéria extraída de palestra proferida, pelo autor, dia 19/09/1995, no auditório do IGHMB, e publicada na Revista desse Instituto nº 81/95, apresenta curiosos aspectos ligados à Guerra do Paraguai.*

**H**á alguns anos comprei, num velho sebo do Rio de Janeiro, um documento, um *Diário*, junto com sua tradução. A princípio pareceu-me ser uma falsificação muito bem feita e de época, mas, com o decorrer do tempo, provou ser um original *sui generis*, demonstrando ser a ponta de um iceberg do qual muito pouco se sabia e se estudara: a posição inglesa junto ao Paraguai e ao Brasil durante a Guerra do Paraguai.

Esse *Diário* dá asas à imaginação sobre várias “lendas” de tesouros, sobre as traições havidas no Paraguai e sobre as “mis-

sões” inglesas no Rio da Prata.

Nas boas e más causas, a Inglaterra sempre teve uma regra de conduta invariável. Bernard Shaw a definia e explicava da seguinte maneira: “*Os ingleses são uma raça muito especial. O último dos ingleses se crê governado pelos imperativos da consciência moral, e o inglês de categoria mais alta não se sente por isso livre da tirania desses imperativos. Todo inglês possui uma força admirável que o faz dono do Planeta. Quando deseja obter alguma coisa não dirá nunca que a deseja. Esperará com paciência até o momento de dar um bote — sem saber como lhe nasce uma ardente convicção de que tem o dever mo-*

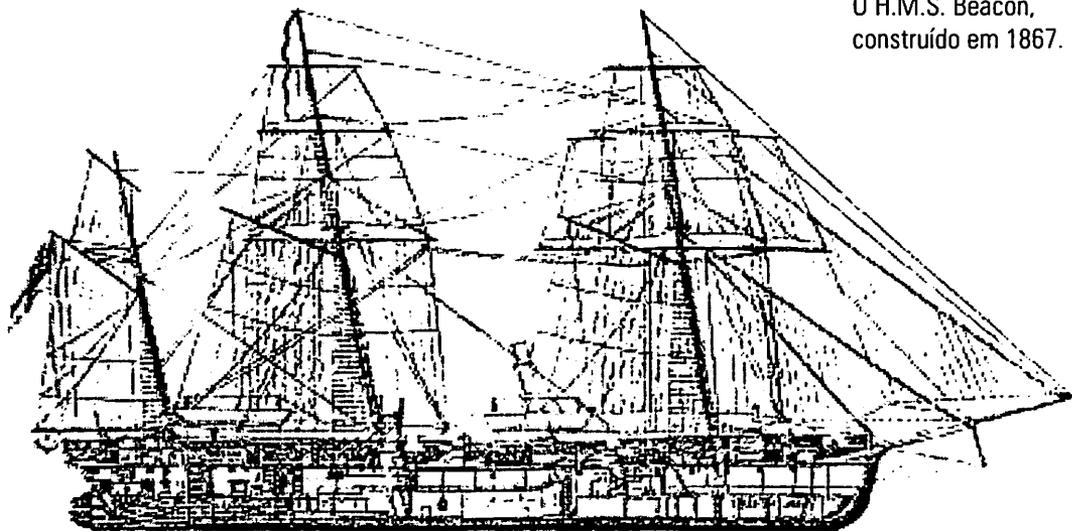
*ral e religioso de fazer-se senhor daqueles que possuem o alvo de seu desejo. Aí, então, se tornam irresistíveis.*”

Em 1867 e 1868, a opinião inglesa continuava a exasperar-se e a clamar pela cessação das hostilidades no Prata; os inimigos de nossa causa exploravam o estado financeiro para nos ferirem ao vivo. Dois jornais eram os veiculadores de tal coisa: o *Times* e o *Morning Post*.

O *Morning Post* publicava, na sua edição de 13 de outubro de 1868: ... “*Lopez has still in reserve the Paraguayan women, and it is a known fact that women are being trained for war. The Monte Videan Minister, Lamas, told the Brazilian Government, more than a*

\* Professor.

O H.M.S. Beacon,  
construído em 1867.



*year ago, that the allies would have to fight the women of Paraguay when the men were all destroyed, and them implored the Emperor of Brazil to conquer the feelings of misplaced pride which were leading him to reject all advice and all offers of mediation, with a fatal determination to pursue to the last the individual Lopez. The new Brazilian Ministry has adopted the Emperor's view of prosecuting the war; and the war, it seems, must go on until Lopez is dead or prisoner, or until the allies sustain (what is even yet not impossible) an irrecoverable blow, or until financial resources of Brazil are exhausted."*

Negar dinheiro, nervo indispensável da guerra, era, no conceito dos capitalistas ingleses, o meio de matar a guerra. Feita a paz com o Paraguai, estariam dispostos a auxiliar-nos com empréstimo avultado; e essa crença de que o Império teria de negociar um empréstimo a longo prazo, depois de finda a guerra, foi sempre preocupação dos capitalistas ingleses, embaraçando o pe-

queno empréstimo que se projetava.<sup>1</sup>

Assim, uma política diplomática naval, tão conhecida e posta em prática, foi usada pelos ingleses na Guerra do Paraguai: *Gunboat Diplomacy* ou a *Diplomacia del Marinero Herido*.

Não podemos esquecer que o Paraguai tinha fortes laços, de Francisco Solano Lopez, com a Inglaterra, por

<sup>1</sup> "...Lopez ainda tem, como reservas, as mulheres paraguaias, e ainda é um fato, conhecido por todos, que as mulheres estão sendo treinadas para a guerra. Lamas, o Ministro do Uruguai, avisou ao Governo Brasileiro, há mais de um ano atrás, que se deveria lutar contra as mulheres paraguaias quando todos os homens tivessem morrido, e depois implorou ao Imperador Brasileiro que deixasse de lado seu orgulho, que o impedia de aceitar qualquer conselho ou oferecimento de mediação, com um determinismo fatal de ir às últimas conseqüências contra Lopez. O novo Ministro Brasileiro adotou o ponto de vista do Imperador, prosseguindo a guerra; e a guerra parece que só terminará com a morte ou a prisão de Lopez, ou até que os aliados desfechem um golpe (o que não é ainda impossível) mortal, ou até que as finanças brasileiras estejam exauridas."

meio de John & Alfred Blyth — principal fornecedor de insumos industriais, armas, têxteis, maquinária pesada, e todos os recursos bélicos necessários. E que casas comerciais inglesas em Buenos Aires também participavam dessas trocas com o Paraguai. Com o correr dos anos, John & Alfred Blyth se transformaram nos Agentes do Paraguai na Europa, contratando, inclusive, todo o pessoal técnico para o desenvolvimento desse país.

Um outro ponto deve ser levado em consideração: Elisa Alicia Lynch era inglesa, da Irlanda.

É, pois, sob essas condições que o *Beacon* vem singrar as águas da América do Sul.

## O "BEACON"

A palavra *Beacon* significa: farol, baliza, guia por meio de luz, marcas com baliza. Vem a ser um vapor de guerra de casco de madeira, construído em Laird, lançado ao mar em fevereiro de 1856 e rejeitado em 1864. Fora construído para servir na Criméia. Devido à urgência de se ter vapores em tempo recorde para servir na Criméia, *Beacon* e

outros navios de sua classe foram construídos com madeira imprópria, daí serem postos fora de serviço.

Em 1867, foi lançado ao mar de novo, completamente reformado, como citado no *Diário de J. T. Comerford*, "o primeiro navio de sua classe a ser construído". De 3 de fevereiro a 22 de março de 1868, são feitos pequenos testes com o navio. Movido a vapor e a vela, parecia ser uma escuna.

## J. T. COMERFORD, AUTOR DO "DIÁRIO"

J. T. Comerford escreveu, na capa de seu *Diário*, a palavra *Private* (soldado ou marinheiro), mas logo na primeira página se vê que ele tem um posto mais elevado, pois leva para bordo parte de sua mobília, que não cabe na sua cabine. Seus passeios, suas visitas, suas conversas, seus almoços e jantares demonstram sua cultura e posição. Suas visitas a hospitais e o tratamento que dá a certos tripulantes indicam que seja um médico, um prático em medicina ou, talvez, um enfermeiro. É jovem. Em 25 de fevereiro, festeja seu vigésimo-quinto aniversário, e estamos no ano de 1869.

## O "DIÁRIO"

O *Diário* começa no dia 2 de fevereiro de 1868, terminando em meados de abril de 1871. Mas a viagem só termina em 30 de dezembro de 1871.

É um caderno de 36,5 cm de comprimento por 24 cm de largura. Tem 18 páginas. Em sua capa encontra-se impresso um retângulo. Sobre este, também impresso, podemos ler: *Nº 11c — S.A.*<sup>2</sup>

Dentro do retângulo, impresso: *Journal of Her Majesty's Ship* (riscado a tinta); escrito a tinta, por baixo, *Private* e, mais abaixo, *J. T. Comerford*. Impresos ainda dentro do retângulo: *Asst. Surgeon; between* chave com *the* e *and* também riscados a caneta ou pena. Por baixo, a pena, mais uma vez, *Private*. Ainda dentro do retângulo, impresso: *Station*, também riscado a pena. Por baixo do retângulo, impresso: *Waterlow and Sons, Printers, Carpenter's Hall, London Wall*.

O *Diário* em si parece mais um relato da vida social de um viajante, contando suas passagens pelas diver-

<sup>2</sup> Posto fora de serviço.

sas grandes cidades da Região do Prata, falando de caçadas, festas e visitas. Entretanto, se prestarmos atenção, poderemos notar que muitas das pessoas visitadas e que os lugares visitados têm uma estranha coincidência com fatos ocorridos durante a Guerra do Paraguai. As conversas não são transcritas, mas as pessoas com quem essas conversas se passam deixam pressupor que uma “Missão” ou várias “Missões” foram executadas pela oficialidade do *Beacon*. Não há vestígios diretos de que a Inglaterra tenha enviado tal navio para cumprir alguma “Missão”. No entanto, ao fim do *Diário*, Comerford deixa perceber que receberam ordens diretas da Inglaterra, via uma nau capitânia, para cumprir uma “Missão” nova.

## O “DIÁRIO” NO ANO DE 1868

A 2 de fevereiro de 1868, J. T. Comerford se apresenta ao Comandante E. T. Parsons, do *Beacon*, que se encontra no estaleiro. A 3, sobe a bordo e descobre que sua cabine é pequena e sua cômoda não entra. Há uma demora na partida pois é o

“primeiro navio de sua classe a ser construído” e são feitos vários testes com o navio. Conhece Smith, que diz ser bom companheiro, e vai levar um perdigueiro no vapor, o que será de valor inestimável na América do Sul.

A 22 de março, deixam a Inglaterra. A 1º de abril, chegam à Ilha da Madeira. A 2, partem com destino ao Rio de Janeiro, onde chegam a 7 de maio.

Já no dia 8 de maio, vai visitar a Santa Casa de Misericórdia. Passeia pelas ruas do Rio e fala da população de cor e dos odores desagradáveis das ruas. No dia 10 de maio, atravessa a baía, indo a uma cidade chamada Brijanga (?) e lá encontra um oficial brasileiro que falava um pouco de inglês. De 12 a 14 de maio, recarregam de carvão numa ilha. A 17 de maio, vê o Imperador e o Príncipe D’Eu no Teatro D. Pedro. Descreve o Imperador como um homem louro, corpulento e bonachão, parecendo-se mais com um abastado fazendeiro inglês do que com um Imperador. Dia 23 de maio, partem, chegando a Montevidéu a 30.

Ao chegar a Montevidéu encontram o *Oberve*. Há

grandes agitações populares por causa do “papel moeda”. É pedido aos navios estrangeiros (navios de guerra) homens de suas guarnições para proteger a Alfândega e os Bancos.

A 1º de junho, o *Silver* e o *Oberve* desembarcam 50 homens. A 2, Parsons e Comerford desembarcam e vão visitar o Cônsul Munro e alguns ingleses. A 13, vão a Buenos Aires, onde visitam o Cônsul Parish. Recebem ordens para seguir para a frente de batalha no rio Paraguai, a fim de proteger os interesses britânicos.

A 8 de julho, chegam a Curupaiti, onde encontram 40 mil brasileiros acampados. Já tinham cercado Humaitá, cuja queda era questão de tempo. Fazem grandes caçadas, inclusive matando um urubu que pensam ser um pato selvagem. A 16, zarpam para Buenos Aires, fazendo escala em Rosário. Lá conhece o Cônsul, Capitão Thomson.

A 2 de agosto, chegam a Montevidéu, onde recebem ordens de voltar ao Paraguai.

De 30 de agosto a 19 de setembro, ficam em Buenos Aires. Os brasileiros tinham tomado Humaitá e avançado até Palma.

A 1ª de outubro, um sábado, chega a Palma e faz o seguinte comentário: “Os brasileiros eram completamente indiferentes a quaisquer medidas de ordem sanitária! Em seus acampamentos, viam-se por todas as partes corpos de cavalos e de gado apodrecendo, sem que ninguém se desse o trabalho de removê-los! Não era pois surpreendente saber que eles estavam sendo atacados horrivelmente de cólera, diarreia e disenteria... O rio estava quase bloqueado com os navios empregados no abastecimento do Exército.... Durante o dia o calor era intenso e à noite havia muitos mosquitos... Carne verde era tão escassa que os brasileiros só raramente podiam nos ceder alguma.”

No começo de novembro, o cólera mata dois homens a bordo.

A 4 de novembro, o Comandante Parsons atravessa o bloqueio, na canhoneira Italiana, e vai ao acampamento paraguaio. Avista-se com Lopez e combina a retirada de súditos britânicos em dificuldades. A 8 de novembro, com permissão das autoridades brasileiras, o *Beacon* vai até posições paraguaias. A 9 de novem-

bro, recebe a bordo os súditos ingleses, em número de 17: um homem, Dr. Fox, e 16 mulheres e crianças. Zarpam dia 10. A 16 de novembro, chegam a Montevideú. Sob imposição de Lopez, os súditos não podiam desembarcar em qualquer parte do Rio da Prata ou do Brasil, devendo todos ir diretamente para bordo do navio que tivesse de conduzi-los para a Inglaterra. O Dr. Fox trazia consigo 2 mil libras e vários documentos importantes para o London & River Plate Bank, de Montevideú, de que Comerford teve que se ocupar pessoalmente. O Dr. Fox e os outros partiram para a Inglaterra, no dia 20, pelo *Newton*.

Em dezembro, o Comandante Parsons não se entende muito bem com o Almirante e este, para puni-lo, manda que cruze o rio, com ordens para que se aviste, uma vez por dia, com a nau capitânia *Narcissus*.

### O “DIÁRIO” NO ANO DE 1869

A 1ª de janeiro, fazem uma viagem de trem (?) e, na estação Bellavista, encontram grande número de bandeiras, alguns soldados e muitos oficiais “quase todo

*do Exército argentino — as fardas parecem uniformes de opereta*”. O Presidente (Batlle — pois estão em Montevideú) e alguns oficiais chegam. O trem parte para Piedras. Na estação há um banquete, “para o qual, no final, somos convidados. Um oficial com um uniforme bizarro e idade avançada, parecendo um general, se senta em cima da mesa e brande, numa das mãos, uma garrafa e, na outra, um copo. Alguns dos argentinos estão debaixo da mesa, bêbados”. A 3, fala de um fornecedor da Marinha de Montevideú que se chama Wilson. No dia 20 de janeiro, à noite, o Comandante e o velho H. (?) discutem sobre o Paraguai. No dia 31, se encontra com o Comandante e o Dr. Stewart, que diz ter um irmão em Assunção.

A 2 de fevereiro, deixam Buenos Aires, com destino a Assunção. Dia 7, são rebocados por um navio argentino, pois, na noite anterior, colidiram com embarcações carvoeiras do *Wett*. No dia 9, deixam Rosário, devido a uma praga de gafanhotos. No dia 10, a praga de gafanhotos aumenta. No dia 11, “quando ancoramos longe dos pântanos, a pra-

ga não incomoda mais”. No dia 13 de fevereiro, um novo pedido para conversar é feito a Lopez. De 15 a 17, em Corrientes. No dia 20, “chegamos a Assunção, onde se encontra o Cracker. Sua tripulação aparenta estar doente. O capitão do Cracker está em terra, entregue à bebida. No dia 21, recebemos para jantar o major Fitzmaurice (do Exército argentino), um irlandês. O Cracker zarpa dia 22 e visita Stewart. No dia 25, encontro o Kirkland do Wasp. Hoje é meu aniversário, 25<sup>a</sup>. Dia 26 de fevereiro escalo um Mangrulho”.

A 1<sup>a</sup> de março, foi a Lambaré. No dia 10, falam que Lopez fez vários ataques às forças brasileiras. Dia 12, vai a bordo do Isis. Stewart pede para que vá ver um cliente seu, o capitão Mackenzie. A 15, o capitão Mackenzie morre a bordo do Komed.

De 3 a 10 de abril, em Villeta, o 3<sup>o</sup> Exército avança para Luque. A 18 de abril, o Conde D’Eu chega para assumir o Comando do Exército. No dia 27, o Greyhound e o Oberver são mandados de volta à Inglaterra. O Conde D’Eu convida Parsons e Comerford para jantar dia 29. “No dia

29 fomos obrigados a recusar o convite, pois houve um caso de febre tifóide a bordo. No dia 30, V. J. V. voltou de Luque elogiando muito o Conde, falando confidencialmente em liquidar o assunto numa semana ou duas. Jantar com o capitão Burton (o explorador). Burton é sarcástico e egoísta. Fala objetivamente de assuntos gerais, mas com respeito às suas aventuras — parece o Barão de Munchausen! O físico o favorece — robusto e cheio de auto-suficiência.”

A 6 de maio, Comerford e o Parsons vão a Luque. Os brasileiros ocupam a cidade. O acampamento é limpo e bem disposto em contraste com os anteriores que visitara. “O Comandante foi visitar o Príncipe, e depois fomos ao acampamento argentino, que não era tão limpo nem tão conservado como o brasileiro. Tivemos uma entrevista com Mitre. O Comandante falou em francês com ele e o general não entendeu nada. A conversação ficou a meu cargo em espanhol. No dia 8, o Comandante entregou o despacho La Carconde à guarda avançada paraguaia e foi escoltado por 100 lanceiros. Dia 15 de maio, o Coman-

dante voltou do acampamento de Lopez. Voltou muito impressionado com os paraguaios. O Comandante recebeu ordens das autoridades inglesas de Buenos Aires para não tomar mais providências a respeito dos paraguaios. Aumentam os casos de febre a bordo. No dia 28, os brasileiros ocupam, sem resistência, Paraguay. A carreira de Lopez parece chegar ao fim.”

A 1<sup>a</sup> de junho, “falam que Lopez estabeleceu-se na Cordilheira e que o fim está tão longe quanto antes. Dia 5, recebemos ordens para ir para Montevideu. A 13, chegamos a Rosário, onde somos informados que o Cracker está em Buenos Aires. No dia 15, chegamos a Buenos Aires, só o Comandante desembarcou. O Cracker veio a bordo e diz que o Almirante e o Ministro acham que o Comandante está maluco”. Em 26 de junho, está de novo em Buenos Aires onde é apresentado às Senhoritas MacMahon, que estão esperando o irmão voltar do Paraguai. A 27 de junho, volta a Montevideu, “onde recebemos ordem de ancorar longe de terra”. O Speedwell chega sob o co-

mando do capitão Snasby.

A 3 de setembro, chegou a esquadra *Capitânia*. A 9, o *Nacoon* parte para as Índias Ocidentais. A 22 de setembro, partem para as Falklands, onde ficam até 7 de dezembro, quando partem de volta para Montevidéu.

A 16 de dezembro, em Montevidéu. A 18, “partimos para o Rio de Janeiro onde há febre amarela. No Egmont há cinco casos fatais”.

## O “DIÁRIO” NO ANO DE 1870

“A 10 de janeiro, o navio foi para o estaleiro, na Ilha das Cobras, fazer consertos. Devido a estupidez e a falta de direção, ficamos detidos lá até dia 18. A 30, zarpamos para Santa Catarina.”

“A 4 de fevereiro, ancoramos a cerca de 10 milhas da cidade, à frente da fortaleza brasileira. A 6, encontro com o Vice-Cônsul inglês Watson. O *Pyladis* chegou. A 9, partimos para Maldonado. A 14, chegamos a Maldonado onde encontramos, já ancorado, o *Pyladis* e o *Speedwell*.

“A 14 de março, partimos para Montevidéu, o

*Pyladis* já havia chegado. Esperávamos ser rendidos pelo *Cracker*, mas este tinha ido para Rosário, e assim devíamos ficar em Montevidéu. Dia 24, quando já íamos saindo rebocados, o *Speedwell* chegou repentinamente de Colônia. Soube-mos que o *Speedwell* ia ficar em Montevidéu e nós devíamos ir para Buenos Aires. Chegou notícia de que havia um surto de febre amarela, cancelando-se assim nossa partida.

“A 1<sup>a</sup> de abril, recebemos ordens de ir a Colônia, a vela. Dia 4, devido aos fortes ventos, ancoramos perto do barco farol. Dia 5, os ventos continuam, continuamos ancorados. As ordens recebidas do *Speedwell* ao partir eram para não nos comunicarmos com Buenos Aires, e irmos ao encontro do pacote de mala fora do porto, no dia 10, ou por aí, e fazer baldeação da carga que ele tinha para a Esquadra, ir a Colônia antes de receber a carga e para lá voltar e aguardar ordens. Todo o cruzeiro deveria ser feito a vela. Só a 14 recebemos a carga. Com ordem de regressar imediatamente a Montevidéu e reabastecer o *Cracker*. No dia 18, recebemos cartas com notícias do

novo plano, que adotamos. Num dos passeios, fomos tomados por desertores. No dia 30, partida para Buenos Aires.”

A 19 de maio, assiste à “Grande Missa na Catedral”, por motivo da morte do Urquiza. A 26 de junho, o *Pyladis* parte para o Rio de Janeiro. O Uruguai se acha em estado deplorável no momento. Lutas intestinas entre blancos e colorados. A 21, de volta a Montevidéu. O *Cracker* recebe ordens de ficar em Concórdia retido, devido à vazante do rio. A 27, o *Pyladis* recebe ordens para seguir para a América do Norte, com base nas Índias Ocidentais. Deverá ser substituído pelo *Gladiator*, que vem do cabo da Boa Esperança.

“A 9 de setembro, saímos para exercícios e voltamos à noite. A 13, zarpamos para Buenos Aires. A 22, partimos para Rosário, parece estar em estado de sítio. A 3 de novembro, em Buenos Aires. A 10 de novembro, estamos em Montevidéu, a cidade está em estado de sítio. A 17, atravessamos as linhas inimigas e visitamos seu acampamento. Havia fogo cruzado. A 23, fui visitar o Hospital de Caridade.

*Dia 24 de novembro, saímos para exercícios ao alvo. Na volta tivemos notícias trazidas pelo paquete da Pacific.*” Em novembro volta várias vezes ao Hospital de Caridade e observa que não admira suas técnicas.

No mês de dezembro, os blancos apertaram o cerco à cidade, impedindo-os de sair. A 20, chegou o *Gladiator*. Observa, em 27 de dezembro, que, pela primeira vez, a luta parece de verdade. Há mais de 200 feridos.

## O “DIÁRIO” NO ANO DE 1871

A 2 de janeiro, Comerford janta com o Barão de Mauá, a quem achou muito agradável, um dos homens mais ricos do Prata e com grande influência política. A 9, recebem ordens de se fazer ao mar, a fim de procurar um rochedo que um navio mercante diz ter avistado a 600 milhas ao norte do Rio e, depois, seguir para esse porto e aguardar ordens.

A 17 de fevereiro, o rochedo não foi encontrado. Passaram uma semana cruzando pelos lugares indica-

dos, nada encontrando. Pescam uma baleia, que foi calorosamente recebida pelos marinheiros e liquidada por eles.

A 1<sup>a</sup> de março, chegada ao Rio de Janeiro.

A 15 de abril, volta a Santa Catarina e ancora no mesmo local da vez passada. A 22, partida para São Francisco.

.....  
A partir deste momento, o *Diário* pára de ser escrito, mas sabemos que a viagem continuou: Paranaguá, Santos, Rio de Janeiro, Montevideu, Colônia, Buenos Aires, Montevideu, Rio de Janeiro... até 30 de dezembro de 1871.

## CONCLUSÃO

Fica patente que, durante todo período da Guerra do Paraguai, uma Esquadra Britânica navegou pelas costas do Brasil e na região do Prata, com intuito diplomático, comercial, militar, assegurando, aos súditos ingleses, seus interesses em todas as escalas. Que tal esquadra estava em contato permanente com o *Foreign Office*, bem como outras es-

quadras que pela área navegavam, como a americana, a francesa e a italiana. Que provavelmente houve tentativas de mediações na guerra para que a paz fosse restabelecida, bem como a retirada de grandes somas levadas para fora do Paraguai, com destino à Inglaterra, à América do Norte e, provavelmente, à Itália.

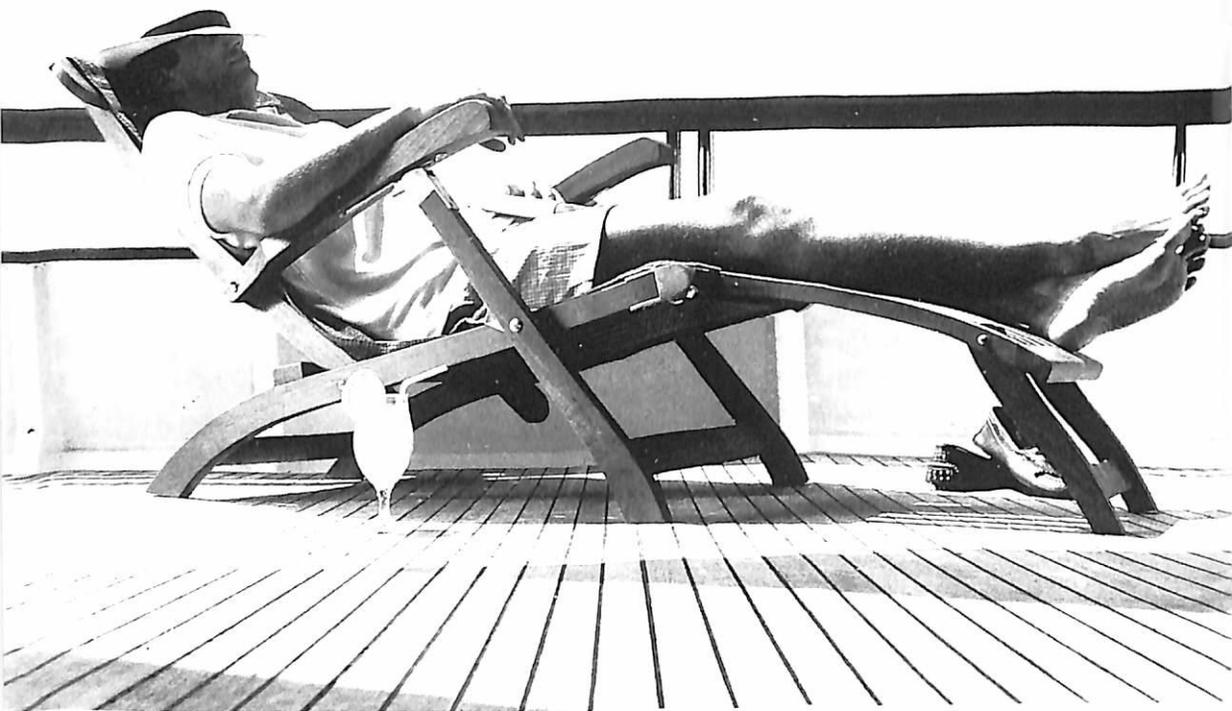
A política do *Gumboat Diplomacy* ou do “Marinheiro Ferido” foi ostensivamente usada, sem que nenhuma das partes dela reclamasse, servindo apenas para que futuros empréstimos fossem feitos, a fim de sanear os problemas deixados pela “Guerra Grande”.

Talvez agora possamos entender a conspiração contra Lopez, e o que seu irmão, Benigno Lopez, teria dito a Washburn: “...o Brasil já assumiu tal dívida na Europa, que seus credores não poderiam deixá-los serem derrotados, e que, se não fossem bem-sucedidos, seus exércitos conquistados e expulsos do Paraguay, a nação brasileira provavelmente repudiaria seu débito, o qual já haviam contratado...” 

## BIBLIOGRAFIA

- Journal of Her Majesty's Beacon* — 1868/1871. Private John T. Comerfor, original.
- HERKEN, Frauer Juan Carlos e HERKEN, Maria Isabel. *Gran Bretaña y la Guerra de la Triple Alianza*. Edit. Arte Nuevo, 1983.
- GONZALEZ, J. Natalicio. *La Guerra al Paraguay*. Edit. Sudestada, 1968.
- PLA JOSEFINA. *Los Britanicos en el Paraguay — 1850-1870*. Edit. Arte Nuevo, 1984.
- PEREIRA, Carlos. *Solano Lopez y su Drama*. Edit. de la Patria Grande, 1962.
- ROSA, José Maria. *La Guerra del Paraguay y las Motoneras Argentinas*. Edit. Huemul, 1965.
- TORRES, Manoel Antonio Rodrigues (Dr.). *A Administração Conservadora e o Manifesto de 16 de abril de 1878*. Impr. Industrial, 1878.
- MELLO, Atilio Garcia. *Proceso a los Falsificadores de la Historia del Paraguay*. Ediciones Theoria, vols. I e II, 1964.
- WASHBURN, Charles A. *The History of Paraguay with Notes of Personal Observations and Reminiscences of Diplomacy under Difficulties*. Lee and Shepard Publishers, 1871.
- BENITEZ, Luís G. *Historia Diplomática del Paraguay*, Assuncion, 1972.
- BOX PELHAM, Horton. *Los Origenes de la Guerra del Paraguay contra la Triple Alianza*, La Colmena, 1936.
- BURTON, Richard. *Letters from the Battle-Fields of Paraguay*, Tinsley Brothers, 1870.
- THOMPSON, Jorge. *Guerra do Paraguai — Conquista — 1968* (consultadas a edição inglesa, argentina) (3).
- DAVIS, Arthur H. Martin T. *McMahon Diplomático en el estridor de las armas*. Edit. Litocolor, 1985.
- ALMEIDA, Antonio da Rocha (Dr.). *Efemérides dos principais fatos relacionados com a Campanha do Paraguai*, PUC do Rio Grande do Sul, 1965.
- BARROS, J. A. Victorino de. *O Almirante Visconde de Inhaúma*. Typ. do Imperial Instituto Artístico, 1870.
- MONTENEGRO, J. Arthur. *Guerra do Paraguay*. Memória de Mme. Dorothea Duprat de Lassere (Versão e Notas). Liv. Americana.
- MULHALL, M. G. and E. T. *Handbook of the River Plate Republics*. Edward Stanford, 1875.
- REBAUDI, A. *Un Tirano de Sudamerica Francisco Solano Lopez*. Serantes Hnos, 1925.
- *Guerra del Paraguay*. La Conspiracion contra S. E. el Presidente de la Republica, Mariscal Don Francisco Solano Lopes. Imp. Constanca, 1917.
- GARCIA, Benigno Riquelme. *El Ejercito de la Epopeya*. Vol. I e II. Ed. Cuadernos Republicanos, 1977.
- HISTÓRIA DO EXÉRCITO BRASILEIRO. Ed. Estado-Maior do Exército. Vol. II.
- H. D. *Ensayo de História Pátria*. Casa A. Barreiro Y Ramos S.A. Vol. II.
- DIÁRIO DO EXÉRCITO. *Campanha do Paraguay Commando em Chefe de S.A. o Sr. Marechal de Exército Conde D'Eu*. Typ. Nacional, 1870.

# Invista em você.



## E transforme seus sonhos em realidade.

Para você realizar todos os seus sonhos, o Banco do Brasil coloca à sua disposição uma linha de investimentos com a maior rentabilidade e segurança.

Assim você pode fazer aquela bela viagem com a família, comprar um carro novo, um escritório maior ou mesmo uma casa mais bonita e confortável.

Faça logo seus projetos. No Banco do Brasil, você

tem Poupança, RDB e CDB, Ouro e Fundos de Investimento.

E ainda pode contar com todas as facilidades no atendimento.

Fale hoje mesmo com o gerente Banco do Brasil. Você vai descobrir que seus sonhos podem se tornar realidade.

Investimentos BB. Você quer, você tem.

<http://www.bancobrasil.com.br>



**BANCO DO BRASIL**